DOI: 10.30612/mones.v15i29.20300

MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD

Da guerra cultural ao terrorismo doméstico: retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva no Bolsonarismo (Resenha)

Tamires Borges Rufino Pinheiro Lima
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, Paraíba, Brasil
Email: tbrufino@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0003-6480-1894

Laís Helena Fernandes Tavares de Farias
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, Paraíba, Brasil
Email: laishfarias@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0002-7586-0307

Resenha da Obra: ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. São Paulo: Autêntica, 2023.

Resumo: A presente resenha tem como objetivo realizar uma análise da tríade de conceitos proposta por João Cezar de Castro Rocha — guerra cultural, retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva — em seu livro *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico, retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva*. João Cezar é professor de Literatura Comparada na Universidade Estadual do Rio

de Janeiro (UERJ) e possui uma carreira de prestígio internacional, com atuação nas áreas de Letras, Literatura Brasileira e Crítica Literária. O livro que é objeto desta resenha se propõe a compreender a origem do pensamento bolsonarista e configura-se como uma leitura significativa para aprofundar o conhecimento acerca de eventos políticos contemporâneos, como a invasão à Praça dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023.

Palavras-chave: bolsonarismo; retórica do ódio; guerra cultural; terrorismo doméstico.

From Cultural War to Domestic Terrorism: Hate Rhetoric and Collective Cognitive Dissonance in Bolsonarism (Book Review)

Abstract: This review aims to analyze the conceptual triad proposed by João Cezar de Castro Rocha — cultural war, rhetoric of hate, and collective cognitive dissonance — in his book *Bolsonarism: from cultural war to domestic terrorism, rhetoric of hate and collective cognitive dissonance*. João Cezar is a professor of Comparative Literature at the State University of Rio de Janeiro (UERJ) and has an internationally recognized academic career, with work in the fields of Literature, Brazilian Literature, and Literary Criticism. The book reviewed here seeks to understand the origins of bolsonarist thought and stands out as a significant reading to deepen knowledge about contemporary political events, such as the invasion of the Praça dos Três Poderes on January 8, 2023.

Keywords: bolsonarismo; rhetoric of hate; domestic terrorism; cultural war.

De la guerra cultural al terrorismo doméstico: retórica del odio y disonancia cognitiva colectiva en el bolsonarismo (Reseña)

Resumen: Esta reseña tiene como objetivo analizar la tríada conceptual propuesta por João Cezar de Castro Rocha — guerra cultural, retórica del odio y disonancia cognitiva colectiva — en su libro *Bolsonarismo: de la guerra cultural al terrorismo doméstico, retórica del odio y disonancia cognitiva colectiva*. João Cezar es profesor de Literatura Comparada en la Universidad Estatal de Río de Janeiro (UERJ) y posee una carrera académica de prestigio internacional, con actuación en las áreas de Letras, Literatura Brasileña y Crítica Literaria. El libro reseñado busca comprender el origen del pensamiento bolsonarista y se configura como una lectura significativa para profundizar el conocimiento sobre eventos políticos contemporáneos, como la invasión a la Plaza de los Tres Poderes el 8 de enero de 2023.

Palavras-clave: bolsonarismo; retórica del odio; guerra cultural; terrorismo doméstico.

Recebido em:08/07/2025
Aceito em: 02/12/2025

CC BY NC SA

A obra "Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico" consiste em uma coletânea de artigos escritos e entrevistas concedidas por João Cezar de Castro Rocha, que possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de mestrado e doutorado em Letras pela UFRJ. Suas áreas de estudo abrangem Literatura Comparada, onde também possui doutorado pela Universidade de Stanford, e Estratégias de Apropriação Cultural, na qual encaminhou seus dois pós-doutorados, na Universidade Livre de Berlim e na Universidade de Princeton. Em vista disso, sua formação reflete nitidamente na linguagem culta utilizada no livro, bem como as analogias entre obras clássicas da literatura ocidental sobre tiranos e o contexto do bolsonarismo.

Publicado em julho de 2023, a obra resenhada é a primeira de uma trilogia que propõe desmistificar a cronologia do fenômeno político-ideológico do bolsonarismo, através de lentes da psicologia social e da análise da retórica. Segundo Rocha (2023, p. 15), os dois outros livros, "Retórica do ódio: a pedagogia da desumanização do outro" e "Dissonância cognitiva coletiva: midiosfera extremista e metaverso", serão lançados posteriormente. Ao priorizar essa abordagem, o primeiro livro da sequência busca evidenciar a estrutura conceitual que mobilizou setores da sociedade brasileira, culminando nos atentados de 8 de janeiro de 2023.

O bolsonarismo é baseado em uma série de arcabouços históricos que construíram a ultradireita brasileira, desde os ultraconservadores católicos da era imperial até o "fetiche" pela Ditadura Militar, formulando um movimento heterogêneo em torno da figura de Jair Bolsonaro e de seus pares, através do populismo reacionário (Lynch; Cassimiro, 2022) do século XXI. Rocha (2023) argumenta que o bolsonarismo é uma construção política coerente e estratégica – indo na contramão de explicações que reduzem o movimento a um imaginário ideológico irracional –, sustentada pela guerra cultural, em conjunto com a retórica do ódio e a dissonância cognitiva coletiva.

Em uma conjuntura de fortalecimento da extrema direita transnacional, como nomeia Rocha (2023), o bolsonarismo surge como produto desse fenômeno, em andamento em diversas partes do globo. Conforme Mudde (2019), as ideias de extrema direita conquistaram o debate público por meio das redes sociais a partir da narrativa da guerra cultural, onde fake news, sensacionalismos e teorias da conspiração regem. A vitória de Donald Trump para o pleito presidencial estadunidense e a crescente xenofobia e euroceticismo na Europa afetaram as perspectivas da política internacional, na qual discursos racistas e antidemocráticos em uma roupagem eufemista se tornaram "soluções" para problemas econômicos, políticos e socioculturais (Norris; Inglehart, 2018). Todavia, apesar do autor mencionar uma "extrema direita transnacional", não há diálogos com trabalhos sobre o tema, resultando em uma sensação de abstração acerca desse fenômeno político, seus objetivos e agendas.

Rocha (2023) pontua quatro hipóteses que são desenvolvidas ao longo da obra: (1) a adoção de um comportamento similar aos fanáticos religiosos por parte da parcela mais ra-

dical da militância de extrema direita; (2) a construção em série de bodes expiatórios como estratégia para escapar do julgamento e culpa, transferindo a responsabilidade para terceiros; (3) a vantagem que a extrema direita possui, em comparação com seu oposto progressista, quanto a compreensão e uso dos mecanismos digitais como a internet e as redes sociais, para seus propósitos; (4) e a criação da midiosfera extremista, um ambiente virtual voltado à desinformação e reafirmação ideológica.

Enquanto um movimento político de massas, o bolsonarismo é definido por Rocha (2023) a partir de três elementos de coesão. O primeiro é a adaptação contemporânea da Doutrina de Segurança Nacional (DSN) e sua lógica de eliminação do "inimigo"[1] da nação. Atrelado a isso, a obra "Orvil"[2] é o segundo elemento, que se consolidou como a fonte da cosmovisão bélica, conspiratória e antidemocrática de Bolsonaro (Rocha, 2023, p. 48). Já o terceiro elemento é sustentado pela obra do ideólogo Olavo de Carvalho, especialmente no tocante à retórica do ódio baseada na desumanização alheia através do escárnio conspiracionista,conceituando o que o autor chama de "bolsolavismo" (Rocha, 2023, p. 52).

Em sequência, Rocha (2023) disserta sobre a guerra cultural como um fenômeno sustentado por negacionismos e teorias conspiratórias, apoiado no revisionismo histórico sobre o Golpe de 1964. Entretanto, apesar da profunda admiração do bolsonarismo pela Ditadura Militar, distingue-se dela por apresentar um projeto político nacionalista que não objetivava sucatear as instituições públicas. Nesse sentido, o autor reitera que o bolsonarismo é incompatível com os princípios básicos de governança (Rocha, 2023, p. 59).

A guerra cultural se configura como um instrumento da retórica do ódio ao produzir disputas de narrativas, colocadas em prática através da associação entre ação política e o dinamismo das redes sociais. O objetivo, de acordo com Rocha (2023), é ampliar a presença da extrema direita nas redes sociais, capturando o voto dos eleitores indecisos. Transformada em máquina eleitoral, a guerra cultural travada virtualmente gerou instabilidade no sistema político representativo, por meio da produção industrial de *fake news*, teorias conspiratórias e conteúdos na pauta dos costumes[3], atingindo principalmente o público evangélico neopentecostal, um dos principais setores-base do bolsonarismo. A guerra cultural é atravessada pelo paradoxo: recusa a política representativa, mas torna o ato político a razão de ser da militância. Em contrapartida, os limites dessa estratégia se evidenciam no enfrentamento de dados concretos e objetivos.

1 A ideia de "inimigo", para a extrema direita, deriva de uma divisão "nós vs. eles" na sociedade, estimulada por retóricas dotadas de pânico moral e ressentimentos que deságuam em discursos de ódio (Mudde, 2019).

2 Chamado de "livro vingança" (Rocha, 2023, p.48), a obra alimentava a narrativa conspiratória, o ressentimento e a pulsão destrutiva contra instituições democráticas.

3 Pautas de costumes, no vocabulário da extrema direita, referem-se a debates e visões conservadoras sobre direitos reprodutivos, a população negra e LGBT+, feminismo e educação pública (Lynch; Cassimiro, 2022).

Outro aspecto que compõe o cerne da obra analisada é a retórica do ódio, que defende a eliminação de quem não repete as lições da "seita"[4] (Rocha, 2023, p. 108). Essa prática possui dois traços dominantes: a desqualificação nulificadora e a hipérbole descaracterizadora dos próprios atributos. A primeira se caracteriza pela ridicularização do outro, tornando-o invisível pelo uso de palavras de baixo calão, ao passo que o segundo é marcado pela adoração paranóica que impede a análise crítica e ignora o sentido de proporção.

Rocha (2023) também inaugura o conceito de midiosfera extremista, um sistema informacional com alto nível de coerência interna e resistente a críticas ou verificações externas, no qual a retórica do ódio encontra solo fértil, onde os participantes se recusam a consumir qualquer outra fonte de informação. O autor cita que a midiosfera extremista é composta por quatro elementos internos e um externo. Os elementos internos consistem em grupos de WhatsApp, canais no YouTube, aplicativos próprios da extrema direita – TV Bolsonaro no Facebook e o aplicativo Mano – e as redes sociais. O elemento interno é chamado pelo autor de "mídia amiga" (Rocha, 2023, p. 30), sendo representada pela Jovem Pan, um canal de comunicação que simpatiza com os ideais bolsonaristas.

Por fim, o autor introduz a noção de dissonância cognitiva coletiva como a criação de um mundo alternativo sustentado por uma verdade absoluta, desconectada da realidade factual. Esse fenômeno gera um desconforto subjetivo causado pela consciência da distância entre crenças e comportamentos. Para fundamentar a questão da dissonância cognitiva coletiva, Rocha (2023) se baseia nos estudos de Leon Festinger, Henry Riecken e Stanley Schachter sobre seitas e como tais agrupamentos constroem narrativas que prendem os participantes em um estado de "realidade paralela".

No caso do bolsonarismo, sua base fidelizada vive em uma bolha que se informa através da midiosfera extremista, desacredita da imprensa mainstream e são influenciados pela retórica do ódio para defender uma guerra cultural contra o "marxismo cultural", o "politicamente correto" e a "ideologia de gênero", principais tópicos do debate da extrema direita contemporânea (Mudde, 2019). Tal *modus operandi* é resumido pelo autor: "Um homem convicto é resistente à mudança. Discorde dele, e ele se afastará. Mostre fatos e estatísticas, e suas fontes serão questionadas. Recorra à lógica, e ele não entenderá sua perspectiva" (Rocha, 2023, p. 72).

Portanto, a proposta do livro é compreender a aplicação prática dos pilares que sustentam o bolsonarismo na cadeia de eventos que levaram aos atentados à abolição do Estado democrático de direito em 8 de janeiro de 2023. Após a tentativa de golpe, Rocha (2023) pontua que a gestão pública de Jair Bolsonaro é marcada pela forte desconexão com a realidade e pelo desprezo por dados objetivos, ou seja, o equivalente prático à dissonância cognitiva

4 Em alguns trechos, Rocha (2023) atribui o bolsonarismo a um caráter de seita, no qual faz comparações com estudos sobre tais agrupamentos ao abordar o conceito de dissonância cognitiva coletiva.

CC BY NC SA

coletiva. Contudo, embora a obra cite "terrorismo doméstico", o autor não explora profundamente a ocorrência do 8 de janeiro em si e suas consequências, apenas traz a cosmovisão e a sequência anterior ao fato, o que pode causar um sentimento de incompletude pelo leitor.

Consoante a Rocha (2023), um dos principais objetivos do bolsonarismo é a construção de uma atmosfera bélica, que controla o pensamento e elimina a dissidência por meio do colapso da gestão pública e do esgarçamento do tecido social. O objetivo final é a instauração de um Estado totalitário fundamentalista religioso. Líderes populistas de direita radical, como Bolsonaro, atacam as instituições e a produção de conhecimento, transferindo a autoridade simbólica dessas instituições para si (Mudde, 2019). Acerca dessa perspectiva, Freud (2011), citado pelo autor, entende que as massas tendem a se submeter a um líder com autoridade magnética. A análise dessa lógica revela o *modus operandi* da extrema direita transnacional.

Diante do exposto, Rocha (2023) aponta caminhos para combater o bolsonarismo, distinguindo entre erro e ilusão, e a ética do diálogo. Inspirado em Freud (2020), o autor evidencia que, para compreender uma sociedade, a ilusão, na forma de uma projeção do desejo, é mais importante que a realidade "errada". Somando a ilusão com a dissonância cognitiva coletiva presente no movimento bolsonarista, apresentar fatos objetivos se torna ineficaz. A ética do diálogo, baseada no respeito, identifica nas diferenças individuais um fator essencial para enriquecer repertórios, o que amplia os horizontes.

Com efeito, "Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico" articula conceitos elaborados por João Cezar de Castro Rocha ao passo que ilumina a trajetória do bolsonarismo enquanto pautado pela guerra cultural, que culminou em atos de terrorismo – do virtual para o real. Todavia, a inovação proposta pelo livro não dispõe de fundamentos sólidos na literatura; nota-se a ausência de referências bibliográficas clássicas sobre a extrema direita e seus desdobramentos na América Latina e no Brasil, o que prejudica a percepção da obra enquanto acadêmica. Isso também compromete os argumentos trazidos ao longo dos textos, visto que a dissertação dos acontecimentos é "contaminada" pelas impressões pessoais do autor, ao invés de trazer abordagens mais ancoradas cientificamente.

Outro aspecto se dá pelo fato de que a leitura demanda conhecimentos prévios sobre Literatura ocidental, para acompanhar e interpretar certas passagens. A obra combina um tom leve, por vezes teatral, a uma densidade conceitual, causando eventuais fugas ao tema principal, com suas comparações e analogias. A organização do livro, entre ensaios e entrevistas, consiste em uma metodologia insatisfatória que confunde o leitor ao dividir a atenção entre o tom literário e as críticas do autor, que são apresentadas com um frágil rigor científico.

O livro é explicativo ao discorrer sobre a cronologia de acontecimentos que levaram ao 8 de janeiro, além de ser conciso e com uma linguagem que facilita o entendimento do fenômeno e dos conceitos apresentados. Embora seja uma leitura importante para compreender

CC BY NC SA

o bolsonarismo, há obstáculos metodológicos que impedem que a obra se constitua como uma leitura científica com potencial conceitual e metodológico. Por essas vulnerabilidades, a obra carrega dificuldades para se destacar enquanto uma leitura científica relevante sobre o bolsonarismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu: e outros textos (1920-1923)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LYNCH, Christian. CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MUDDE, Cas. *The Far Right Today*. Cambridge: Polity Press, 2019.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism*. New York: Cambridge University Press, 2018.